

Os cronistas do PÚBLICO
segunda-feira, 27 de Fevereiro de 2006

A MULHER AFLITA

Sobe-se a escadaria da antiga Faculdade de Ciências - junto ao Jardim Botânico onde tantas vezes brinquei com a minha mãe ou a minha madrinha. Os degraus estão agora encardidos dos pássaros e torna-se maníaco que os limpam pouco. Avança-se por velhos corredores, espessos, sem sol, frios. Atravessa-se as salas do Museu de História Natural, onde se acumulam pedras lindíssimas. E lá dentro, por fim, encontramos uma mulher. Essa mulher deve-se à pintura, menos às cores do que à dinâmica dos traços, de Joana Villaverde. É um círculo que está quase a fechar-se, mas que encontra aqui o seu apogeu. Esta mulher, com outros rostos, acompanha o percurso discreto, mas incisivo, da artista.

Entramos por aquelas paredes repletas de segredos gelados e começamos por ver partes de um rosto: um nariz, uma orelha, vistos tão de perto que se tornam exorbitantes e incomodativos.

Mas o que importa é o sentido envolvente das linhas: aqui reforçadamente circulares, ali penetrantes e capazes de entrarem por um corpo dentro. Até à noite dos corpos. É aqui que um corpo começa a ganhar sentido, quase sempre obscuro, a sair de cena: corpo de boca voraz, corpo onde os outros se podem rever como espelhos que encontram em cada um de nós o espaço que os oprime. É esse aspecto de aflição que emerge nesta mulher que se expõe sem pose. Nalguns quadros vemos uma cabeça demasiado grande sobre um corpo que se vai reduzindo até se apoiar apenas na fragilidade dos pés descalços. Noutras vezes, o calor chega pela violência das cores envolventes. Nenhum erotismo, nenhuma voz que vá além do murmúrio. Todas as falas são apenas um movimento dos olhos. São olhos que nos vêem e emudecem. Neste percurso em que o chamamento de uma mulher vem apenas de um conjunto de traços comprimidos, de paredes vazias onde por vezes ela se

encosta ou mesmo esconde, pressentimos um mundo que está atravancado, mas que cria esse excesso por um excesso de vazio. É uma dimensão política que se abre no interior dos corpos e nos narra o que os devora.

A última imagem é particularmente interessante.

Aqui é uma mulher que se enrola no interior de uma moldura e o quadro parece estar ali a esmagar a protagonista. É a última partícula de um processo em que a pintura exerce todos os seus poderes e a mulher, ao deixar-se pintar, aceita a sujeição de um corpo a todas as instâncias que a podem submeter, desde os traços e as cores até ao domínio dos espaços, programando o tempo e a vida. É nesta autocrítica da pintura (onde um traço estrangula, onde uma voz sussurra, a política dirige, os burocratas concentracionários territorializam) que Joana Villaverde ultrapassa este ciclo.

Eduardo Prado Coelho

Historiador

